

## O corpo envelhecido abjeto em *A Substância* (2024) <sup>1</sup>

Giovana Vernilo Mendes<sup>2</sup>  
Universidade Anhembi Morumbi - UAM

### RESUMO

O cinema de horror é um espaço para explorar ansiedades culturais, como as ligadas ao corpo e à identidade. *A Substância* (2024), de Coralie Fargeat, insere-se no body horror ao abordar o medo do envelhecimento e a obsessão pela juventude. A transformação grotesca da protagonista evidencia o envelhecimento como degradação física e social. Com base em teóricas como Barbara Creed e Julia Kristeva, a análise discute o corpo abjeto e a estética do excesso. O filme utiliza planos fechados e forte sensorialidade para provocar repulsa e refletir sobre padrões culturais de beleza impostos às mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Body Horror*; Envelhecimento; Corpo abjeto; Horror Cinematográfico.

O cinema tem se consolidado como um importante instrumento para a análise das ansiedades sociais contemporâneas, permitindo a visualização de medos, tensões e contradições que atravessam o tecido cultural de diferentes épocas. No caso do horror, essa característica se intensifica, pois o gênero se estrutura em torno do medo, do abjeto e do grotesco. Barry Keith Grant (1986) observa que o cinema de gênero, especialmente o horror, é particularmente eficaz em refletir as ansiedades socioculturais de seu tempo. Nesse sentido, o horror torna-se uma lente poderosa para a investigação das estruturas ideológicas que moldam as experiências do corpo, da identidade e da alteridade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura da Longevidade, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Giovana Vernilo, formada em Comunicação Social - RTV, mestre e doutoranda em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi, email:– gvernilo@hotmail.com.

Brigid Cherry (2009) reforça essa perspectiva ao destacar que os subtextos ideológicos dos filmes de horror estão sempre ancorados no momento e no local de sua produção: "Embora o gênero horror pareça ser atemporal, as categorias conceituais que compõem o gênero estão muito ligadas a um determinado momento histórico e podem, de fato, ser efêmeras" (CHERRY, 2009, p. 30). A autora sugere ainda que diferentes tipos de horror emergem em resposta a medos específicos — como a violência, o colapso da família tradicional, a guerra ao terror, a crise climática ou, como no caso deste trabalho, o medo do envelhecimento.

O envelhecimento é uma questão presente nas sociedades contemporâneas. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2023), a população global com 60 anos ou mais deve dobrar até 2050, passando de 1 bilhão para 2,1 bilhões de pessoas. Apesar disso, os discursos dominantes ainda operam a partir de uma lógica etarista que associa a velhice à decadência, à improdutividade e à perda de valor social. No caso das mulheres, essa marginalização é ainda mais intensa, pois os corpos femininos são historicamente condicionados por ideais de juventude, beleza e controle. Quando esses padrões são quebrados, o corpo feminino envelhecido torna-se abjeto, grotesco e ameaçador.

Em *A Substância* (*The Substance*, Coralie Fargeat, FRA, 2024), essas questões são levadas ao limite por meio da figura de Elisabeth Sparkle, uma ex-estrela de televisão que, ao ser descartada pela emissora por "não parecer mais com ela mesma", submete-se a um tratamento experimental que promete restaurar sua juventude. O filme dialoga com o subgênero do *body horror*, que explora as transformações físicas extremas do corpo humano, intensificando os limites entre o normal e o monstruoso. Como destaca Linda Williams (1991), os gêneros corporais — horror, melodrama e pornografia — operam a partir do excesso, provocando reações físicas e sensoriais intensas no espectador.

A transformação de Elisabeth, retratada em close-ups que detalham sua degradação física — perda de dentes, unhas, feridas abertas, secreções — expõe de maneira radical a construção social do corpo velho como repulsivo. Coralie Fargeat, ao utilizar uma estética de excesso sensorial, não permite ao espectador o distanciamento: é preciso

olhar, sentir, reagir. Esse uso do plano fechado aproxima o filme das ideias de Brian Massumi (1995), para quem o afeto é uma resposta pré-cognitiva, corporal, imediata — algo que se sente antes mesmo de se racionalizar.

A imagem de Elisabeth envelhecida rompe com a noção tradicional de um envelhecimento idealizado, frequentemente pautado por figuras discretas, serenas, sábias e asseadas, como avós carinhosas ou professores idosos respeitados. Em vez disso, a personagem exibe pele flácida, manchada, dedos tortos, feridas expostas e um semblante deformado. Essa representação se aproxima do conceito de abjeção em Julia Kristeva (1982), que define o abjeto como aquilo que transgride os limites da identidade e da ordem simbólica. O corpo de Elisabeth, ao se tornar abjeto, torna-se também um espaço de repulsa e horror.

Barbara Creed (1986) argumenta que o feminino monstruoso no horror surge justamente quando a mulher escapa ao controle — seja por sua sexualidade excessiva, seja por sua degradação física. Elisabeth representa esse feminino "fora de controle", que não apenas envelhece, mas falha em manter o ideal de beleza e juventude. Sua monstruosidade, portanto, não está em um mal intrínseco, mas na falência diante da norma.

O filme também articula essa discussão por meio da personagem Sue, jovem e ambiciosa, que passa a utilizar a substância em excesso para manter sua juventude. À medida que o corpo de Elisabeth degenera, Sue passa a absorver suas características, culminando em uma fusão grotesca: Elisasue. A nova criatura encarna a obsessão contemporânea pela juventude eterna, mesmo ao custo da identidade e da integridade física. O filme, ao mostrar essa junção de corpos como uma aberração estética e ética, aponta para a falência do projeto de eterna juventude.

A estética do horror em *A Substância* não serve apenas para provocar medo, mas para evidenciar a violência simbólica dos padrões estéticos impostos às mulheres. Como ressalta Linda Williams (1991), os gêneros do corpo provocam uma experiência que exige do espectador uma resposta física, e não apenas emocional ou cognitiva. O horror, nesse caso, é também denúncia.

Por fim, *A Substância* deve ser compreendido como uma obra que ultrapassa a crítica à indústria da beleza e se insere em um debate mais amplo sobre etarismo estrutural, especialmente quando aplicado ao corpo feminino. Em uma sociedade que envelhece rapidamente, mas continua a valorizar apenas o jovem, o belo e o produtivo, o filme de Coralie Fargeat explicita as contradições desse culto à juventude. Ao tornar visível o corpo velho, decadente e abjeto, o filme expõe os mecanismos de exclusão simbólica e material que operam sobre corpos femininos fora do padrão. Elisabeth não morre apenas como mulher: morre como ícone, como sujeito desejável e, por fim, como corpo. Sua decomposição é também a decomposição de um ideal.

Dessa forma, *A Substância* se posiciona como uma narrativa sensorial e crítica que utiliza o horror para confrontar diretamente os limites do aceitável, desestabilizando o espectador e expondo o horror que a sociedade projeta sobre o envelhecimento. Em tempos de crescente longevidade e resistência ao etarismo, sobretudo em espaços femininos, esse tipo de representação se torna não só relevante, mas urgente.

## REFERÊNCIAS

CHERRY, Brigid. *Horror*. Londres: Routledge, 2009.

CREED, Barbara. *The Monstrous-Feminine: Film, Feminism, Psychoanalysis*. Londres: Routledge, 1993.

GRANT, Barry Keith. “Rich and Strange: The Yuppie Horror Film.” In: *Planks of Reason: Essays on the Horror Film*, editado por Barry Keith Grant, Londres: Scarecrow Press, 1986.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: An Essay on Abjection*. Nova York: Columbia University Press, 1982.

MASSUMI, Brian. “The Autonomy of Affect.” *Cultural Critique*, n. 31, p. 83–109, 1995.

ONU – Organização das Nações Unidas. *World Population Ageing 2023: Highlights*. United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2023.

SANTOS, Camila. “*A Substância* e o horror da juventude eterna.” *Revista Cult*, 22 maio 2024. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-substancia-e-o-horror-da-juventude-eterna/>.

WILLIAMS, Linda. “Film Bodies: Gender, Genre, and Excess.” *Film Quarterly*, v. 44, n. 4, p. 2–13, 1991.